

Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C749 Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] :
abordagens teóricas e empíricas 2 / Organizador Tallys Newton
Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86002-16-4

DOI 10.22533/at.ed.164200603

1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Matos, Tallys Newton
Fernandes de.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Atualmente, presenciamos constantes mudanças e transformações nos padrões de vida e valores sociais que configuram as diferentes culturas através de desdobramentos na dinâmica do cotidiano. Este cenário, em quase todo o mundo, para alguns historiadores, é caracterizado pelos avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI, período descrito como “Era da Informação”. Nessa situação, encontramos diferentes fenômenos e uma diversidade de objetos de estudo para a psicologia. Falamos então de “psicologias” onde o principal do objeto de estudo é o homem, como ser datado, determinado pelas condições históricas e sociais que o cercam. Ou seja, a matéria-prima é o ser humano em todas as suas expressões, as visíveis (comportamento) e as invisíveis (sentimentos), as singulares e as genéricas.

Neste sentido, a coleção “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, educação, saúde, desenvolvimento humano e sociedade. Tais artefatos se configura de forma interdisciplinar através de estudos teóricos e revisões de literatura. Com isso, objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção histórica de forma categorizada e clara de estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país.

A obra “Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas 2” apresenta construções teóricas fundamentadas em padrões científicos e empíricos através da comunidade acadêmica, com propósito de reconfigurar saberes e práticas que possibilitem avaliação, intervenção, políticas, projetos e programas de atuação, na busca pela conscientização e desenvolvimento individual e coletivo. Tais obras, apresentadas nesta coleção, são fruto de avaliações e exposições de dados em encontros e eventos científicos, selecionados para apresentação através de uma equipe avaliativa que identifica o impacto da obra no meio, e assimilação com diferentes eixos temáticos. Temas diversificados e relevante são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos.

Sabemos o quão importante é a divulgação da produção científica. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável, para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O TRABALHO COMO FUNDAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO | |
| Tatiéle Cristina Tomba | |
| Matheus Viana Braz | |
| Marcos Mariani Casadore | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006031 | |
| CAPÍTULO 2 | 6 |
| UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO TRABALHO: NO QUE A FILOSOFIA DA DIFERENÇA PODERIA CONTRIBUIR? | |
| Maria Letícia de Oliveira Bianchini | |
| Guilherme Gonzaga Duarte Providello | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006032 | |
| CAPÍTULO 3 | 10 |
| A POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO NO COTIDIANO DE TRABALHO EM UM SETOR DE EMERGÊNCIA PSIQUIÁTRICA | |
| Priscila Ferreira de Oliveira | |
| Sylvia Mara Pires de Freitas | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006033 | |
| CAPÍTULO 4 | 24 |
| O ASSÉDIO MORAL CONTRA A MULHER NO TRABALHO NAS ORGANIZAÇÕES | |
| Juliana de Souza Bonardi | |
| Marcia Cristina Pigato | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006034 | |
| CAPÍTULO 5 | 30 |
| O MODELO GESTIONÁRIO DA APOSENTADORIA | |
| Priscila Rhanny Bulla | |
| Guilherme Elias da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006035 | |
| CAPÍTULO 6 | 36 |
| A INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM SITUAÇÕES DE INDISCIPLINA ESCOLAR | |
| Anicelia Santos Silva Delmonds | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006036 | |
| CAPÍTULO 7 | 38 |
| TRANSTORNOS MENTAIS EM ÂMBITO ESCOLAR | |
| Alexandre Batista Pinho Dantas | |
| Elza de Souza e Silva | |
| Edimilson de Oliveira Lavra Junior | |
| Áquila Valente Appolinario | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006037 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 55 |
| POR UMA EDUCAÇÃO QUE NÃO SEJA NADA ESPECIAL | |
| Adriano Rodrigues Mansanera | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006038 | |
| CAPÍTULO 9 | 65 |
| A PINTURA RESSIGNIFICANDO O PATOLÓGICO PARA MERLEAU-PONTY | |
| Adriano Rodrigues Mansanera | |
| DOI 10.22533/at.ed.1642006039 | |
| CAPÍTULO 10 | 72 |
| OS EFEITOS DA PSICOTERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININAS | |
| Mychelle Maria Santos de Oliveira | |
| Alice Francisca da Conceição Araújo | |
| Ana Maria da Cruz Sousa Oliveira | |
| Ana Paula Pereira Cardoso | |
| Andressa Regina Paulino Costa | |
| Anna Clara Lima Costa | |
| Dalila Sipaúba Rodrigues Moura | |
| Natallice de Sousa Silva | |
| Pedro Wilson Ramos da Conceição | |
| DOI 10.22533/at.ed.16420060310 | |
| CAPÍTULO 11 | 82 |
| DESATANDO OS “NÓS” DO TEMPO: PERSPECTIVAS E ESTUDOS EM PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO | |
| Mariele Rodrigues Correa | |
| Camila Cuencas Funari Mendes e Silva | |
| Joselene Cristina Gerolamo | |
| Aline Sabbadini | |
| DOI 10.22533/at.ed.16420060311 | |
| CAPÍTULO 12 | 95 |
| UM OLHAR DA PSICOLOGIA SOBRE O ENVELHECIMENTO NA ATUAÇÃO JUNTO A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS | |
| Aline Sabbadini | |
| Mariele Rodrigues Correa | |
| DOI 10.22533/at.ed.16420060312 | |
| CAPÍTULO 13 | 101 |
| APONTAMENTOS SOBRE AS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM OS NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO | |
| Tatiéle Cristina Tomba | |
| Marcos Mariani Casadore | |
| Matheus Viana Braz | |
| DOI 10.22533/at.ed.16420060313 | |

CAPÍTULO 14 106

A ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR COMO SUPORTE EMOCIONAL A UM PACIENTE JOVEM HOSPITALIZADO PARA REABILITAÇÃO MULTIPROFISSIONAL

Carolina de Sousa Rotta
Clesmânia Silva Pereira
Eli Fernanda Brandão Lopes
Fernanda Maria Souza Juliano
Irma Macário
Izabela Rodrigues de Menezes
Joelson Henrique Martins de Oliveira
Juliana Galete
Lariane Marques Pereira
Leticia Szulczewski Antunes da Silva
Michael Wilian da Costa Cabanha
Silvana Fontoura Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.16420060314

CAPÍTULO 15 113

O USO E ABUSO DE DROGAS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS, CONCEITUAIS E A DISCUSSÃO EMERGENTE ENVOLVENDO A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE

Aline Maria Figueiredo Ko da Cunha
Lívia Figueiredo Pereira
Grazielle Neves Soares
Marconi Moura Fernandes
Luís Paulo Souza e Souza

DOI 10.22533/at.ed.16420060315

SOBRE O ORGANIZADOR..... 124

ÍNDICE REMISSIVO 125

TRANSTORNOS MENTAIS EM ÂMBITO ESCOLAR

Data de aceite: 20/02/2020

Data de submissão: 02/12/2019

Alexandre Batista Pinho Dantas

Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/1212003661041924>

Elza de Souza e Silva

Universidade Federal Fluminense – Petrópolis – Rio de Janeiro.

Edimilson de Oliveira Lavra Junior

Universidade Federal da Paraíba – Paraíba – João Pessoa.

Áquila Valente Appolinario

Fundação de Apoio à Escola Técnica – Duque de Caxias – Rio de Janeiro.

RESUMO: O ponto de partida deste estudo busca a articulação entre duas grandes dimensões: a dos transtornos mentais e a inerente aos processos educacionais. Com o objetivo de propor o debate reflexivo sobre as ocorrências de transtornos mentais em jovens em idade escolar, o trabalho visa contribuir para diminuição do grau de desinformação sobre os transtornos mentais mais comuns na sociedade e de seus respectivos sintomas. Com a abordagem qualitativa e de natureza descritiva, o estudo adotou a pesquisa bibliográfica e a pesquisas em sites especializados como mecanismo de construção da base teórico-

conceitual. Na coleta de dados para aproximação entre a teoria e a vida cotidiana, utilizaram-se de dados secundários e da entrevista. As principais evidências reunidas com o trabalho sugerem que os jovens em idade escolar são os mais suscetíveis a sofrerem algum tipo de transtorno mental sem se darem conta do problema, seja pela falta de conhecimento, de orientação e/ou apoio. Ademais, as principais referências dos jovens como os pais e os profissionais da educação tendem a não saber lidar com esse tipo de drama humano. Por fim, no embate político entre as autoridades públicas do poder executivo e do legislativo prevaleceu a posição que garante o atendimento por psicólogo e assistente social nas escolas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno. Depressão. Ansiedade. Suicídio.

MENTAL DISORDERS IN SCHOOL SCOPE

ABSTRACT: The starting point of this study is the articulation between two major dimensions: mental disorders and the inherent in educational processes. In order to propose a reflective debate on the occurrence of mental disorders in school-age youth, this paper aims to contribute to reducing the degree of misinformation about the most common mental disorders in society and their respective symptoms. With the qualitative and descriptive approach, the study

adopted bibliographic research and research in specialized websites as a mechanism of construction of the theoretical-conceptual basis. In the data collection for approximation between theory and everyday life, secondary data and an interview were used. The main evidence gathered from the paper suggests that young people of school age are most likely to suffer from some type of mental disorder without realizing it, either because of lack of knowledge, guidance and / or support. Moreover, the main references of young people such as parents and education professionals tend not to know how to deal with this kind of human drama. Finally, disagreements between public authorities have made it impossible to institutionalize a support network for young students, especially public ones.

KEYWORDS: Disorder. Depression. Anxiety. Suicide.

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado visando contribuir com o debate que tem afetado milhões de brasileiros, em especial os jovens em idade escolar. Este trabalho, portanto, orienta-se pela necessidade de se discutir as ocorrências de transtornos mentais mais comuns em ambiente escolar e a identificação adequada de apoio. A relevância desta pesquisa contribui, diretamente, para o aprimoramento dos profissionais da educação, para o esclarecimento dos alunos, bem como de toda a comunidade escolar ao se destacar as ações necessárias nesse contexto.

Considerando-se os números expressivos de casos de pessoas com algum tipo de transtorno de transtorno mental, tal temática precisa ser recorrentemente discutida no cotidiano, inclusive para promover uma reflexão no estilo de vida corrido, de desejos imediatistas e de buscas compensatórias emocionais pelo consumo.

Boa parte das pessoas pensam que transtorno é a mesma coisa que distúrbio, porém não é. Devido a essa falta de informação, as pessoas podem acabar equivocando-se com o diagnóstico, tratamento e resolução do problema. Registros especializados mencionam que ao contrário do termo doença, o transtorno é um conjunto de comportamentos e sentimentos que ocasionam incapacitação em diferentes áreas da vida, seja acadêmica, profissional, social ou pessoal (PSICONLINEWS, 2016).

Existem muitos tipos de transtornos envolvendo diversas áreas humanas, os discutidos neste trabalho estão voltados para os que têm maior probabilidade de ocorrência no âmbito escolar. A escola pode ser vista como um ambiente hostil para a maioria dos alunos devido às pressões de professores, pais, colegas de classe, entre outros, mas também como um lugar de acolhimento. Outro agente causador muito comum é a prática de *bullying*, que pode desencadear em diversos tipos de transtornos mentais e que precisa ser acompanhado pelas escolas.

Com o objetivo de apresentar a temática para debate ao abordar os transtornos

mentais mais comuns nas escolas, bem como sintomas e causas mais frequentes. Busca-se promover a reflexão sobre as atuais circunstâncias desses episódios e a contribuição dos profissionais da educação juntos aos alunos. Para que assim, o debate possa ajudar as pessoas envolvidas (alunos, pais e profissionais da educação) a se orientarem corretamente e com isso desenvolverem um ambiente escolar mais saudável.

Além desta introdução, o trabalho foi organizado com as seguintes seções: esclarecimento dos processos metodológicos; depressão; transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH); transtorno de ansiedade generalizada (TAG); processos inerentes a vida escolar; resultados e discussões e por fim, as considerações finais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa sobre os transtornos mentais, foi efetuada uma pesquisa às publicações científicas pela internet à plataforma *Google* acadêmico, a qual apontou alguns registros sobre transtornos. A base do estudo está centrada na pesquisa bibliográfica e pode ser considerada de natureza descritiva. Para síntese e análise do material foi realizado os seguintes procedimentos: consultas a três revistas especializadas voltadas para a educação, nos contextos de relação do professor com o aluno, poder da motivação, educação inclusiva e, inclusão e alfabetização da criança com TDAH.

Os critérios para a utilização das pesquisas no trabalho foram: artigos nacionais a partir do ano de 2015 e alinhados com o tema.

Materiais veiculados em portais *online* especializados foram trazidos para o trabalho com intuito de articular a literatura acadêmica com o conteúdo de circulação que a população em geral tende a ter mais acesso.

Durante toda a coleta, exame, estudo e apreensão dos artigos, foram encontrados um total de 20 artigos e selecionados apenas 15, os quais se alinhavam com os critérios da pesquisa; tratar de discussão sobre os transtornos mentais e sobre a educação.

A confrontação entre a teoria e a realidade foi feita por meio de articulação de dados secundários e de entrevista. Entrevistou-se uma jovem de 25 anos, residente no município de Duque de Caxias, filha única e solteira.

Os principais transtornos estudados serão discutidos a seguir.

DEPRESSÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Este transtorno é o mais comum entre a população, chegando a atingir crianças,

adolescentes, adultos e idosos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil, 5,8% da população sofre de depressão. Os índices são superiores à média global que está entorno de 4,4%. Isto representa um quantitativo de 12 milhões de brasileiros sofrendo com esta doença (OMS, 2019).

A busca incessante pela felicidade aliada ao materialismo imposto por uma sociedade de consumo é uma questão que deve fazer parte deste debate, com vistas à verificação se a frustração decorrente das decepções por não atingir as expectativas almeçadas afeta o lado emocional do indivíduo.

Profissionais especializados em neuropsicologia lecionam que a depressão é uma perturbação do humor caracterizada por um conjunto de sintomas, que inclui tristeza e/ou diminuição do interesse pela realização de tarefas, perda de apetite, sentimento de desvalorização e culpa excessiva; podendo ocasionar problemas mais graves como o suicídio, por exemplo PROVIDA (2018).

No âmbito escolar, a depressão não é apenas o momento em que um aluno está triste, mas sim um transtorno que muda toda a vida do aluno, fazendo com que as faltas aumentem, as notas caiam e cause desmotivação no aluno que possui o transtorno. Podendo em casos extremos levar ao suicídio.

O parlamento brasileiro reconheceu a gravidade do assunto no âmbito escolar e havia aprovado o Projeto de Lei (PL) 3.688/2000 que, dentre outras finalidades, previa assistência psicológica de modo “que as equipes multiprofissionais deveriam desenvolver ações para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com a participação da comunidade escolar”. Contudo, o referido PL foi vetado pelo poder executivo federal no corrente ano de 2019 contrariando entidades e especialistas:

Esse projeto de lei não propõe que o profissional de psicologia trabalhe com consultas, mas com políticas escolares, de maneira universal”, disse Aragão. Foi uma batalha enorme para conseguir aprovar uma legislação assim e aí o presidente simplesmente veta um texto sobre um tema que ele provavelmente não conhece e que já foi votado em plenário e discutido longamente pela sociedade (GLOBO, 2019, p. 1).

Ao final do embate político prevaleceu o posicionamento da Lei que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica, por meio do Veto nº 37, de 27 de novembro de 2019.

O Gráfico 1 aponta o índice de suicídio por idade, o que seria, portanto, a consequência mais grave da doença depressão.

Suicídios globais por idade em 2012

— Países de baixa renda — Países de alta renda

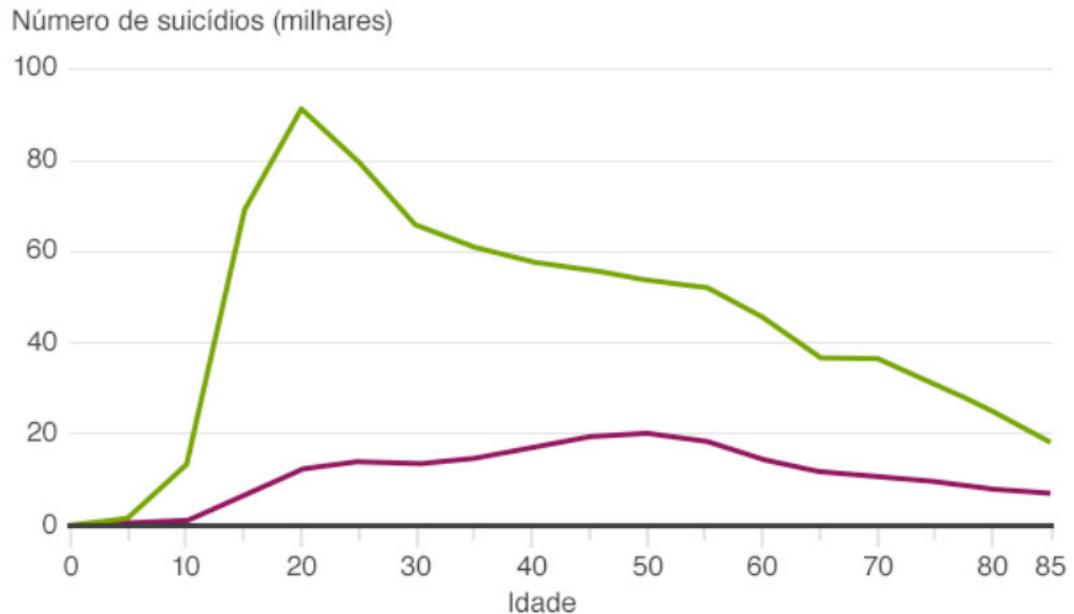


Gráfico 1 - Estudo sobre suicídios globais por idade feito em 2012

Fonte: Organização Mundial da Saúde (2014)

Estudos globais evidenciam que a faixa etária mais suscetível a ocorrência de suicídio é justamente a fase escolar (final do ensino fundamental e todo o ensino médio e superior) e em particular nos países de baixa renda como é o caso do Brasil.

Existem vários tipos de depressão, mas apenas três realmente são muito comuns: o leve, o moderado e o profundo. Cada transtorno depressivo tem suas características e peculiaridades.

DEPRESSÃO TIPO LEVE

A informação sedimentada é de que a depressão do tipo leve é o mais comum entre as pessoas, e também é o mais difícil de identificar, pois é confundida com a tristeza comum. Uma pessoa pode ter apenas o número mínimo de sintomas necessário para um médico fazer o diagnóstico. O que eles sentem não pode ser avassalador, mas afeta sua qualidade de vida (SUMA GRANDE (2018)). Por esta razão que a informação precisa chegar aos jovens de modo que facilite o reconhecimento em si mesmo de que há algo errado.

DEPRESSÃO TIPO MODERADO

A depressão do tipo moderado é o mais comum entre pessoas que passam por algum tipo de problema em suas vidas pessoais. A gravidade dos sintomas é um

pouco maior, e a pessoa sempre tem dificuldade em funcionar normalmente (SUMA GRANDE, 2018).

DEPRESSÃO TIPO PROFUNDA

A depressão do tipo profunda é a mais grave dos tipos de depressão existentes, podendo levar ao isolamento social, alterações profundas do sono e apetite, e por fim podendo levar também ao suicídio. Uma pessoa experimenta quase todos os sintomas. Eles são quase incapazes de levar uma vida normal. Ir trabalhar, cuidar das crianças, ou mesmo sair de casa é um enorme esforço.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

O TDAH tem se tornado cada vez mais presente nas crianças, como ele não é uma doença e sim um transtorno, não tem cura. Devido a essa falta de informação, muitos pais, quando descobrem que seus filhos têm esse transtorno, acabam se desesperando e se esquecem que existem diversos tipos de tratamentos que proporcionam uma boa qualidade de vida para a criança.

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno que geralmente se desenvolve na infância e tende a acompanhar o indivíduo durante toda a sua vida. Geralmente causa falta de atenção, desinteresse, inquietude e impulsividade (SAUDE MENTAL, 2018, p. 1).

Como ele é um transtorno que é possível identificar na infância, quanto mais cedo for diagnosticado, mais eficaz será o tratamento. Na maioria dos casos, esse transtorno atinge crianças e pré-adolescentes. Muitas pessoas tratam do TDAH com medicamentos fitoterápicos (naturais) como forma alternativa de tratamento, já que o mesmo não tem cura.

Assim sendo, evidencia-se o desafio para os professores e a liderança pedagógica da escola em lidar com esse transtorno. Os professores, com suas experiências, valores, formação acadêmica, habilidades na aprendizagem e desenvolvimento do aluno e formação do indivíduo como pessoa, é um agente fundamental neste contexto. E a liderança pedagógica, ao supervisionar a qualidade do ensino, desenvolvimento da cultura e do clima organizacionais da escola pode constatar os sinais e comportamentos atípicos por parte dos alunos.

O TDAH pode ser classificado em três tipos: Desatento, Hiperativo-impulsivo e a combinação dos dois.

TDHA TIPO DESATENÇÃO

Este é o mais comum dentre os três, pois afeta a maioria das crianças. Segundo o Instituto Paulista de Déficit de Atenção – IPDA (2004), as crianças que possuem este transtorno, desviam facilmente atenção dos que estão fazendo e cometem erros, muitas vezes se distraem, tem dificuldade de concentração, em seguir instruções e problemas de memória em curto prazo.

TDHA TIPO HIPERATIVO-IMPULSIVO

Este tipo de transtorno afeta principalmente o comportamento da criança. De acordo com o Instituto Paulista de Déficit de Atenção (IPDA), os portadores apresentam inquietação, fazem várias coisas ao mesmo tempo, tendem a falar, comer, comprar compulsivamente, possuem baixo nível de tolerância e temperamento explosivo (IPDA, 2004).

TDHA TIPO MISTO-COMBINADO

É o transtorno menos comum entre os portadores e pode variar com a idade. O IPDA (2004) destaca que em crianças pequenas é mais visível, justamente porque não é adequado esperar um grau elevado de concentração. Com o início da alfabetização, passa a ser mais perceptível que, além da agitação pode haver também tendência à distração, esquecimentos e desorganização.

TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA (TAG)

A ansiedade é uma reação natural que acontece diante de situações que provocam preocupações, medo, expectativa e/ou dúvida. A ansiedade é normal quando se manifesta antes de uma entrevista de emprego, seminários ou provas escolares, cirurgias etc., entretanto, quando a ansiedade prossegue por muito tempo e passa a intervir nas atividades do dia a dia, ela deixa de ser algo natural, e sim “preocupante”. Esse é o principal sintoma do Transtorno da Ansiedade Generalizada (TAG).

As características principais do transtorno de ansiedade generalizada são ansiedade e preocupação persistentes e excessivas acerca de vários domínios, incluindo desempenho no trabalho e escolar, que o indivíduo encontra dificuldade em controlar. Além disso, são experimentados sintomas físicos, incluindo inquietação ou sensação de “nervos à flor da pele”; fatigabilidade; dificuldade de concentração ou “ter brancos”; irritabilidade; tensão muscular; e perturbação do sono (DSM-5, 2014, p. 190).

Muitas pessoas acreditam que os sintomas são apenas superficiais e que não

interferem diretamente na vida da pessoa. O TAG é um transtorno caracterizado pela preocupação excessiva ou expectativa apreensiva, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014). Ele pode interferir, literalmente, em todos os âmbitos da vida da pessoa que possui o transtorno de ansiedade generalizada.

TAG NO ÂMBITO ESCOLAR

Devido à grande pressão escolar, muitos alunos acabam tornando-se ansiosos e isso interfere muito no seu desempenho. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA (2015), 56% dos alunos entrevistados relataram tensões relacionadas à escola. Mesmo estudando para as provas, as crianças e adolescentes brasileiros ocupam o 2º lugar no ranking de ansiedade antes de avaliações.

Um exemplo claro de ansiedade nos alunos é o medo de obterem uma nota baixa na prova, como também a demora de um professor a divulgar as notas, deixando-os preocupados durante semanas. “O Brasil é o segundo país com o maior percentual de estudantes que dizem ficar ansiosos durante as avaliações, 80,8% - atrás apenas da Costa Rica com 81,2%”, sendo muito superior à média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (ESTADÃO, 2017).

É possível afirmar que a ansiedade prejudica os alunos nas provas, mas ela também os impede de apresentar seminários, de tirar as suas dúvidas com professores durante as aulas e de pedirem ajuda para seus problemas no meio escolar.

Como a infância é um período de “grandes mudanças”, o seu grau de ansiedade mudará de acordo com o seu desenvolvimento, podendo se iniciar no início do ano escolar (quando ela fica longe dos pais), nas alterações de rotina e no seu próprio ambiente familiar, ou seja, relacionado ao âmbito escolar, uma criança com esse transtorno será muito afetada.

RELAÇÃO DO PROFESSOR COM O ALUNO

É consenso nas literaturas de educação para que haja um processo de ensino-aprendizagem efetivo é preciso que se tenha atenção dos gestores e professores da escola a todos os processos e necessidades dos alunos, pois eles são agentes de referência para os alunos e podem atuar diretamente no desenvolvimento dos alunos.

Os professores são os profissionais mais próximos dessa realidade dos alunos, pois eles têm o papel de introduzir a aprendizagem nesses alunos, mesmo sem

perceber, com transtorno mental; e de acordo com Luck (2005), eles, com seus valores, formação, conhecimentos, habilidades e atitudes, suas expectativas quanto à aprendizagem e desenvolvimento dos alunos influenciam diretamente os resultados educacionais.

O posicionamento da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) é de um tom conciliador entre os pais e os profissionais de educação, eis que “o espaço escolar, é o palco de uma das primeiras experiências sociais do indivíduo, é o cenário onde ele aprende a exercer suas habilidades, seus valores, seus modelos de comportamento, e por vezes a demonstrar algumas dificuldades” (ABDA, 2017, p. 1), ao invés de atribuir culpa aos profissionais ou sistema de ensino, todos os agentes envolvidos devem cooperar para pronta identificação de um eventual transtorno e proceder aos encaminhamentos devidos. Portanto, deve-se

Caminhar em parceria, buscando o diálogo com o professor, a comunhão com a escola é o melhor caminho para proporcionar às nossas crianças, que possuem necessidades diferenciadas de aprendizagem, uma educação de qualidade, onde elas possam crescer em sabedoria e autonomia. Buscar ajudar nossas crianças, eis o desejo de pais e educadores (ABDA, 2017).

O professor é o que mais conhece o aluno em sala de aula, devido à convivência e experiências adquiridas, portanto, é recomendável que os professores tenham conhecimento ao menos para fins de identificação desses transtornos e possa fazer os encaminhamentos que se fizerem necessários em prol do aluno.

As entidades deste campo em questão lutam para que as escolas estejam preparadas para identificar crianças que demonstrem qualquer tipo de transtorno. Diante das dificuldades políticas dos governos do momento em viabilizar essa institucionalização dentro das escolas, cabem às redes de ensino construir suas próprias alternativas de lidar com essa temática.

Assim, é necessário que os governos locais invistam em treinamentos e cursos de capacitação para que se tenha professores mais qualificados na hora de identificar e lidar com alunos portadores de algum transtorno mental.

Por outro lado, alunos sofrem discriminação e *bullying* devido a esse transtorno muita das vezes dentro da própria escola, com isso, os comitês *antibullying* nas escolas devem apoiar esses estudantes e ajudar inseri-los na comunidade escolar.

O relacionamento interpessoal é condição que atribui à aprendizagem o caráter educacional e formativo e que permite o aluno tornar pessoal o processo de aprender e a desenvolver competências humanas, tal como é proposto nos objetivos educacionais das instituições de ensino (LUCK, 2005, p. 22).

Estudos feitos por Oliveira; Silva (2016) evidenciam as principais dificuldades no processo de alfabetização com os portadores do TDAH, cujos resultados foram

sintetizados no Gráfico 2.

Observa-se que a maior dificuldade é a informação e empenho dos pais com o aluno e com a escola, sendo assim, evidencia-se que para que haja uma total inserção do aluno na comunidade escolar, é necessário que haja um comprometimento dos pais juntamente com a escola.

LIDERANÇA PEDAGÓGICA E GESTÃO ESCOLAR

O processo de ensino-aprendizagem está sujeito a uma dinâmica constante e caracterizada por ações e reações, tensões e omissões. Por isso, que a atuação assertiva da Coordenação Escolar (Equipes e Gestores) em prol da inserção desses alunos, segundo Luck (2005), são fatores decisivos a influenciar a qualidade do ensino e o desenvolvimento da cultura, e do clima organizacionais da escola.



Gráfico 2 - Principais dificuldades na alfabetização em portadores do TDAH

Fonte: Oliveira; Silva (2016)

CONDIÇÕES FÍSICAS E MATERIAIS DISPONÍVEIS NA ESCOLA

O processo de desenvolvimento educacional vai depender de uma boa infraestrutura física na escola, da qualidade de espaço físico, de sua organização e da variedade das estimulações pedagógicas ofertadas, bem como do uso dos equipamentos e materiais disponíveis para a inserção desses alunos na comunidade escolar (LUCK, 2005).

O PODER DA MOTIVAÇÃO

Motivação é a força motriz para realizar qualquer ação, principalmente no âmbito escolar, pois o que diferencia um bom professor e um bom aluno não é a inteligência, mas sim o seu esforço. Com ênfase nos portadores de transtornos mentais que desde cedo precisam de um esforço maior do que a maioria.

O técnico de voleibol Bernardinho, por exemplo, conhece bem os resultados que um time talentoso, motivado e focado no sucesso pode alcançar. “Temos que buscar sempre a renovação e qualificação individual. Cabe aos comandantes identificar líderes do grupo e trabalhar na motivação de todos para o sucesso (TAVARES, 2017, p. 1).

Nesse argumento, percebe-se o valor da motivação individual e do trabalho em equipe no âmbito escolar. Desse modo, cabe ao círculo social, a comunidade escolar e a instituição família servirem como pilares motivacionais durante a vida acadêmica desses alunos. Com outras palavras, neste momento de fragilidade emocional é muito importante apoio e incentivos. Envolver as pessoas em atmosferas de otimismo.

O clima de boa convivência é um aliado ao desenvolvimento educacional, visto que devido à junção dos dois, é possível propiciar uma condição maior de estabilidade emocional no aluno não só no meio estudantil, mas em demais aspectos das suas relações sociais.

Desse modo, as habilidades do aluno são aprimoradas resultando num estilo de vida melhor junto com uma maior socialização na qual ajuda a lidar com tal transtorno.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A educação, em geral, é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano independente de sua saúde, gênero, nacionalidade, etnia, religião, classe social e orientação sexual, por isso é necessário que se invista cada vez mais nela, proporcionando assim uma educação mais inclusiva.

Segundo Tavares (2017), a educação inclusiva não implica somente em aceitar a matrícula do educando no sistema de ensino. Diz respeito a um sistema educacional que respeite, aceite e possibilite o acesso e a permanência de todas as pessoas.

A educação inclusiva é ideal quando demonstra a melhora das competências, desenvolvimentos e saberes dos alunos. O ponto de partida se dá pelo aluno, pois ele é, além do resultado, a própria avaliação para saber se a educação realmente está inclusiva.

A entrada de alunos com transtornos traz a escola um grande desafio: novos ritmos de aprendizagem. Tavares (2017) destaca que alunos com transtornos têm limitações para aprender alguns conteúdos. É preciso diversificar os momentos e

atividades por meio de estratégias de trabalho mais participativas e de ambientes colaborativos de aprendizagem.

O objetivo da educação inclusiva é educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar. A opção por este tipo de Educação não significa negar as dificuldades dos estudantes, pois as diferenças entre ambos não serão vistas como problemas, mas sim como diversidades. Essa realidade social pode ampliar a visão de mundo e desenvolver o convívio a todas as crianças no meio escolar.

Para que o projeto inclusivo seja colocado em ação, há necessidade de uma atitude positiva e disponibilidade do professor para que ele possa criar uma atmosfera acolhedora na classe. A sala de aula afirma ou nega o sucesso ou a eficácia da inclusão escolar, mas isso não quer dizer que a responsabilidade seja só do professor. O professor não pode estar sozinho, deverá ter uma rede de apoio, na escola e fora dela, para viabilizar o processo inclusivo (ALONSO, 2013, p. 1).

É importante frisar que todos, tanto dentro (comunidade escolar) quanto fora da escola (sociedade, governos e autoridades), devem apoiar o fortalecimento deste processo, pois para que haja um projeto inclusivo, os jovens alunos precisarão de uma rede de apoio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do estudo, identificou-se que cerca de 12 milhões de brasileiros sofrem de depressão; que a faixa etária entre os 10 a 20 anos é a mais propícia para episódios de suicídio, em particular nos países de baixa renda como é o Brasil.

Após intenso embate político (Veto nº 37/2019), prevaleceu o disposto legal que garante o atendimento de profissionais de psicologia e assistente social nas escolas públicas.

Pais e profissionais da educação, muitas das vezes por falta de orientação e/ou iniciativas, tendem a atribuir culpa um ao outro. O baixo desempenho escolar ou dificuldades sociais podem ser atribuídas ao modelo de ensino praticado nas escolas, assim como as limitações apresentadas pelos alunos podem ser relacionadas tão somente ao estilo e/ou histórico familiar.

Entre instituições e profissionais especializados há um relativo consenso de que pais e profissionais da educação devem cooperar para criarem uma rede de proteção para os jovens, dentro de um contexto de estímulos e incentivos para o autoconhecimento e para o fortalecimento dos laços familiares e sociais.

As circunstâncias discutidas sobre transtorno mental em ambiente escolar foram confrontadas com o caso de uma jovem de 25 anos, residente no município de Duque de Caxias, filha única e solteira. Adotou-se o codinome TSA para se referir à entrevistada. Coletaram-se dados e experiências com o transtorno ocorrido durante

a vida estudantil. Os pesquisadores preparam algumas perguntas previamente, contudo, no decorrer da entrevista meio que intuitivamente, chegou-se ao consenso de não avançar em mais perguntas tendo em vista o estado emocional com a mudança de semblante da entrevista, ao reviver os fatos mais intensamente à medida que se aprofundavam os questionamentos (APÊNDICE).

Contudo, foi possível identificar o quanto é necessária a construção de uma ampla rede apoio a jovens, cuja convivência na sociedade moderna tende a valorizar mais as questões externas do que as internas tão essenciais ao equilíbrio emocional do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conciliar os conceitos sobre os transtornos mentais mais comuns ao contexto escolar, tinha-se por objetivo propor um debate em que fosse possível ampliar a visão dos próprios jovens e das pessoas que os cercam.

A temática desabrochou nos pesquisadores uma outra perspectiva de como enxergar a realidade das pessoas que são acometidas por algum tipo de transtorno mental como depressão, o TDAH e o TAG. Além disso, a sensação ao final da pesquisa é de que se estava dando voz e visibilidade a essas pessoas, justamente pelo fato de se enfatizar as mudanças sociais necessárias para que pais e profissionais da educação possam cooperar para minimizar o sofrimento de milhões de jovens estudantes.

Assim, a experiência da entrevistada conjugada com os números de deprimidos registrados pela OMS (12 milhões de brasileiros), os índices de suicídio entre os jovens e demais estudos bibliográficos, possibilita a defesa de que este debate é mais que necessário, em especial nas escolas.

Neste sentido, a responsabilidade precisa ser assumida por todos os agentes envolvidos cada qual na sua esfera de competência, mas que sejam guiados e orientados por profissionais devidamente habilitados para tratar desta temática.

Nesta luta o professor é tido como um grande agente de apoio aos portadores de algum transtorno mental. Um professor bem qualificado e motivado espalha tal corrente de motivação, de modo que afeta tão positivamente a vida de seus alunos portadores de transtornos que eles passam a conseguir socializar melhor, aumentar o desempenho escolar tanto em notas quanto em outras atividades extracurriculares.

Outro fator relevante para o sucesso desta proposta é o trabalho da gestão escolar de forma assertiva. Gestores e coordenadores educacionais bem qualificados e familiarizados com diversas formas de tornar a educação mais inclusiva devem liderar com a preparação do ambiente escolar para lidar com os transtornos mentais de seus alunos em busca da melhoria constante do ambiente escolar. Somente

assim a instituição escola será inclusiva, desenvolvendo todas as competências e habilidades possíveis dos jovens, especialmente nos portadores de algum transtorno mental. Evitando, portanto, um ambiente hostil, pelo contrário propiciando um ambiente de acolhimento.

Criar um ambiente escolar que não se propague o *bullying*, que observe com mais atenção os sofrimentos dos alunos é dever de todos. Pois assim, teremos em âmbito escolar com alunos mais saudáveis e mais felizes. A sugestão destes pesquisadores é de que se criem comitês voltados para divulgar essas informações; que as escolas organizem seminários e convidem especialistas na temática, além de reunir toda a comunidade escolar para aprender e debater sobre esse assunto que afeta milhares de jovens estudantes.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação Inclusiva: focos na rede de apoio**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>>. Acesso em: 29 de mar. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO - ABDA. **Relação Professor, Escola, Aluno e Família. A educação unida para o sucesso**. Disponível em: <<http://tdah.org.br/relacao-professor-escola-aluno-e-familia-a-educacao-unida-para-o-sucesso/>> Acesso em: 25 mar. 2018.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3.688, de 31 de outubro de 2000**. Câmara dos Deputados. Brasília, DF. 19 de novembro de 2019. Projeto vetado pelo Presidente da República. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20050>> Acesso em 20 nov. 2019.

ESTADÃO. 80% dos estudantes dizem sentir muita ansiedade durante as provas. 2017. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pisa-80-dos-estudantes-dizem-sentir-muita-ansiedade-durante-provas,70001743562>> Acesso em 20 nov. 2019.

Globo. **Bolsonaro veta projeto de lei que previa psicólogo nas escolas públicas**. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/10/09/bolsonaro-veta-projeto-de-lei-que-previa-psicologos-nas-escolas-publicas.ghtml>> Acesso em: 18 nov. 2019.

INSTITUTO PAULISTA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO - IPDA. **TDAH Tipo Hiperativo-Impulsivo**. São Paulo. Disponível em: <<https://dda-deficitdeatencao.com.br/tipos/desatento.html>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

LÜCK, Heloísa. et.al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5 / American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

OLIVEIRA, Gleslei Moraes; SILVA, Rômulo Terminelis. **Inclusão e Alfabetização da criança com TDAH: Um desafio**. Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v.7, p. 91-108, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Com mais de 12 milhões de doentes, Brasil é o país mais deprimido da América Latina**. 2019. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/com-mais-de-12-milh%C3%B5es-de-doentes-brasil-%C3%A9-o-pa%C3%ADs-mais-deprimido-da-am%C3%A9rica-latina-aponta-oms-1.738504>> Acesso em: 18 nov. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Suicídio já mata mais jovens que o HIV em todo o mundo.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/09/oms-suicidio-ja-mata-mais-jovens-que-o-hiv-em-todo-o-mundo.html>> Acesso em: 28 mar. 2014.

PALHARES, Isabela. **80% dos estudantes dizem sentir muita ansiedade durante provas.** Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pisa-80-dos-estudantes-dizem-sentir-muita-ansiedade-durante-provas,70001743562>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES - PISA 2015. *Compare Your Country*. Disponível em: <<http://www.compareyourcountry.org/pisa/country/bra>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PSICOLOGIA CLÍNICA E ORGANIZACIONAL - PROVIDA. **O que é Depressão?** Disponível em: <<http://www.providaaf.com.br/o-que-e-depressao/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PSICONLINEWS. **A diferença entre síndrome, transtorno e doença.** Disponível em: <<http://www.psiconline.com/2016/09/a-diferenca-entre-sindrome-transtorno-e-doenca.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SAÚDE MENTAL. **TDHA – O que é? Como tratar? Tem cura?** Disponível em: <<http://www.saudementalrs.com.br/tdha/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SUMA GRANDE. **Diferentes tipos de Depressão.** Disponível em: <<http://sumagrande.com/article/diferentes-tipos-de-depresso>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

TAVARES, P. **A gratidão transforma a sala de aula.** Construir Notícias. Recife, v. 94, p. 59-62, 2017.

TAVARES, P. **Psicologia Positiva na Escola.** Construir Notícias, Recife, v. 97, p. 11, 2017.

TSA. **Entrevista sobre transtorno na vida estudantil.** Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 2018.

SECRETARIA LEGISLATIVA DO CONGRESSO NACIONAL – SLCN. Veto total aposto “Inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público”. Veto nº 37, de 27 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/vetos/-/veto/detalhe/12645>> Acesso em: 27 Nov. 2019.

Você já tinha ouvido falar sobre esse transtorno?

TSA: Antes de ter esse transtorno, não me recordo de ter ouvido falar.

Comentários: A entrevistada não tinha ouvido falar sobre esse transtorno. De fato, é um assunto que não é discutido ou acompanhado no dia a dia das escolas. A falta de conhecimento pode retardar a busca por tratamentos e agravar a vida social do indivíduo. Por isto, que, provavelmente, muitos jovens de faixa etária similar também não sabem que têm e não buscam o tratamento correto.

Quais os sintomas você sentia e como isso interferia na sua vida estudantil?

TSA: Os sintomas que eu sentia sempre era medo e o coração ficava bem acelerado o dia inteiro. Às vezes eu deitada nervosa e nenhuma posição que eu deitava estava boa, eu ficava muito inquieta. Quando eu estava passando por esse período, eu não conseguia estudar muito bem, o que resultava em notas baixas, falta de atenção nas aulas. Eu deixei de fazer alguns trabalhos e apresentar seminários, ou seja, eu me dedicava pouco por conta desse transtorno.

Comentários: Assim como muitos estudantes que passam por esse transtorno, a entrevistada relata que teve muitos problemas na sua vida estudantil. E a ansiedade extrema contribuiu com seu péssimo desempenho escolar. Sem identificação do quadro psicológico e emocional que enfrenta o aluno, muitas das vezes pode ser taxado de preguiçoso, sofrer *bullying* e até mesmo deixado de lado.

Há quanto tempo você havia sentindo esses sintomas? Você fez algum tipo de tratamento? Se sim, qual e quanto tempo durou?

TSA: Eu comecei a sentir esses sintomas no ano de 2015. Sim, eu fiz o tratamento com uma psicóloga e esse tratamento durou por seis meses.

Comentários: A entrevistada, conseguiu reconhecer que tinha um problema e buscou por tratamento profissional. Felizmente, foi um caso que foi possível obter ajuda especializada.

O que você aprendeu com o TAG? Qual mensagem você deixa para as pessoas com esse transtorno?

TSA: Eu aprendi que não vale a pena a querer controlar tudo e ficar ansioso, pois as coisas vão acontecer às vezes como a gente planejou e às vezes não. Não adianta eu me estressar, ficar ansiosa ou me irritar por uma coisa que, às vezes, vão acontecer daqui a alguns meses ou anos. Não vale a pena, pois só faço mal a mim mesma. A mensagem que eu deixo para as pessoas é tentar se controlar ao máximo

porque não vai adiantar de nada a ansiedade, tente se controlar para que você não fique dependendo de psicólogo ou de remédio. O autocontrole é a mensagem que eu passo para as pessoas.

Comentários: Com o relato da entrevistada, observou-se que o autocontrole aliado ao tratamento clínico é fundamental para a melhoria do bem-estar mental e físico do portador desse transtorno. Para ela, o autocontrole é essencial para todos. Contudo, reitera-se o quanto é importante a rede de proteção, de mecanismos de incentivo sistematizado para o autoconhecimento, além de um ambiente de convivência saudável.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso de álcool 114, 125

Abuso de drogas 113, 114, 125

Ansiedade 38, 40, 44, 45, 51, 52, 53, 54, 73, 78, 79, 108, 111, 125

Aposentadoria 30, 31, 32, 33, 34, 35, 125

Aprendizagem 36, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 55, 61, 62, 125

Arte 65, 66, 67, 68, 70, 83, 99, 100, 125

Assédio moral 24, 25, 26, 27, 28, 29, 125

C

Capital 1, 2, 4, 5, 27, 86, 125

Comportamento 36, 37, 44, 46, 59, 71, 107, 110, 117, 125

Conhecimento 38, 46, 51, 53, 60, 67, 97, 125

Contemporaneidade 28, 30, 34, 125

D

Democracia 10, 14, 15, 22, 23, 101, 105, 120, 125

Depressão 28, 38, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 64, 73, 78, 79, 80, 86, 125

Disfunção sexual feminina 73, 79, 125

E

Educação especial 56, 57, 58, 59, 62, 64, 125

Educação inclusiva 40, 48, 49, 51, 57, 58, 59, 62, 125

Envelhecimento 30, 32, 33, 34, 35, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 125

Escola 36, 37, 38, 39, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 81, 113, 122, 123, 125

Espiritualidade 113, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125

F

Família 7, 29, 32, 36, 37, 48, 51, 55, 58, 62, 64, 85, 119, 125

Fenomenologia 70, 71, 125

Filosofia da diferença 6, 8, 125

G

Gestão em saúde 10

H

Humanização 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 108, 112, 125

I

Identidade 31, 32, 33, 34, 62, 73, 88, 93, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 125

Idoso 30, 33, 34, 35, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 125

Indisciplina 36, 37, 125

Intervenção psicológica 36, 125

M

Movimentos sociais 101, 102, 103, 104, 105, 126

Mulher 24, 25, 26, 27, 81, 84, 85, 87, 92, 93, 126

O

Organizações 3, 9, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 119, 126

P

Pintura 65, 67, 68, 70, 71, 95, 98, 99, 126

Políticas de saúde 13, 114, 126

Políticas públicas 10, 64, 72, 89, 96, 103, 123, 124, 126

Psicodinâmica do trabalho 30, 31, 34, 35, 126

Psicologia 1, 6, 9, 22, 29, 30, 36, 37, 41, 49, 52, 55, 59, 60, 62, 63, 65, 71, 72, 81, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 124, 126

Psicoterapia 72, 73, 78, 79, 107, 126

Psiquiatria 66, 80, 81, 126

R

Reconhecimento 2, 4, 5, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 42, 62, 102, 126

Religiosidade 113, 114, 119, 120, 121, 123, 126

S

Saúde mental 11, 13, 20, 23, 24, 25, 35, 52, 126

Subjetividade 1, 3, 6, 7, 8, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 82, 93, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 120, 126

Suicídio 38, 41, 42, 43, 49, 50, 52, 126

T

Terapia cognitivo-comportamental 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 126

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 50, 51, 55, 61, 63, 65, 73, 74, 83, 84, 85, 87, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 111, 119, 126

Transtornos mentais 13, 38, 39, 40, 45, 48, 50, 51, 77, 80, 126

 **Atena**
Editora

2 0 2 0